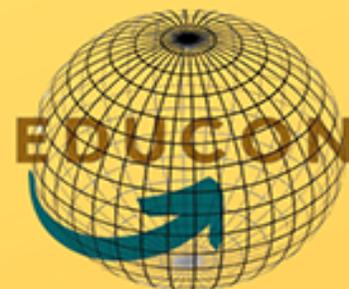




# Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



**Volume XIV, n. 10, set. 2020**  
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

## **EIXO 10 - ENSINO SUPERIOR**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.10.20>

Recebido em: **05/09/2020**

Aprovado em: **05/09/2020**

O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA; THE USE OF DIGITAL TECHNOLOGIES IN HIGHER EDUCATION IN PANDEMIC TIMES: EXPERIENCE REPORT; EL USO DE TECNOLOGÍAS DIGITALES EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR EN TIEMPOS DE PANDEMIA: INFORME DE EXPERIENCIA

MARCIA BOELL

<https://orcid.org/0000-0002-0441-007x>

ARLENE APARECIDA DE ARRUDA

<https://orcid.org/0000-0002-5544-7294>

**Resumo:** O presente trabalho consiste em um relato de experiência desenvolvido no ensino superior, na Disciplina de Tecnologia Educacional do Curso de Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC SC. Esta pesquisa classifica-se qualitativa, tendo como aporte teórico e metodológico das contribuições de Bernard Charlot (2000). Para a análise do cotidiano investigado, utilizou-se como instrumentos de coleta de dados os “Balanços do Saber” e entrevistas, envolvendo as percepções das participações. As reflexões sobre o uso das tecnologias digitais em tempos de pandemia, que emergiram das experiências de universitários, demonstram a importância de se pensar nas rupturas que estão ocorrendo em todas as dimensões do ser humano.

**Abstract:** The present work consists of an experience report developed in higher education, in the Educational Technology Discipline of the Pedagogy Course, in the distance modality, at the Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC SC. This research is classified as qualitative, with the theoretical and methodological contribution of Bernard Charlot (2000). For the analysis of the investigated daily life, the “Balances of Knowledge” and interviews were used as instruments of data collection, involving the perceptions of the participants and the participants. The reflections on the use of digital technologies in times of pandemic, which emerged from the experience reports of university students, demonstrate the importance of thinking about the disruptions that are occurring in all dimensions of the human being.

**Resumen:** El presente trabajo consiste en un informe de experiencia desarrollado en la educación superior, en la Disciplina de Tecnología Educativa del Curso de Pedagogía, en la modalidad a distancia, en la Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC SC. Esta investigación se clasifica como cualitativa, con el aporte teórico y metodológico de Bernard Charlot (2000). Para el análisis de la vida diaria investigada, se utilizaron los “Balances de conocimiento” y las entrevistas como instrumentos de recolección de datos, involucrando las percepciones de los participantes y los participantes. Las reflexiones sobre el uso de tecnologías digitales en tiempos de pandemia, que surgieron de los relatos de experiencia de estudiantes universitarios, demuestran la importancia de pensar en las disrupciones que se están produciendo en todas las dimensiones del ser humano.

## 1. INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais de tamanha complexidade, a relação com o saber para além dos muros escolares, em que as salas de aulas tradicionais presenciais cederam espaço às salas de aulas virtuais. No momento em que a população mundial vive, por conta da pandemia causada pelo COVID-19, onde a pandemia foi decretada em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), afetou os sistemas educacionais em todo o mundo, levando à ruptura de atividades presenciais fisicamente, tornando possível o presencial virtualmente.

Para as instituições de ensino superior, uma recomendação comum foi a possibilidade de não cancelar as atividades, mas a relação entre professores e alunos transformou-se em trabalhar de forma conjunta por meio de recursos digitais, na modalidade de educação a distância (EaD), com aulas remotas pela Internet, utilizando-se de diferentes recursos, como ambientes virtuais e ferramentas *web* como apoio ao processo de ensino e aprendizagem.

O regime remoto é uma medida temporária organizada apenas para cumprir a necessidade do distanciamento social. Nesse tipo de regime, o professor da disciplina presencial atua e interage com os estudantes pela Internet, sempre que possível. Uma das possibilidades encontrada foram as aulas on-line, em que, tanto os professores quanto os alunos, devem estar conectados ao mesmo tempo (sincronicamente), nos mesmos dias e horários das aulas presenciais. Embora pareça simplesmente uma mudança de “local”, o ensino remoto cria a necessidade de ferramentas que auxiliem no processo de ensino e aprendizagem, além de favorecer a apropriação tecnológica pelos professores e estudantes. Em vista disso, muitos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) foram disponibilizados, tais como *Blackboard*, *Canvas*, *Moodle*, e ferramentas de comunicação síncrona para videoconferências, como o Google *Hangouts*, *Meet*, *Zoom*, entre outros.

Nos ambientes virtuais de aprendizagens estão disponíveis diversas ferramentas de comunicação, tais como correio eletrônico (*e-mail*), salas de bate-papo (*chat*) e grupos de discussão (*bulletin boards*). A interface dessas ferramentas é diferente em cada um dos ambientes, embora sejam preservadas suas funcionalidades. Nesses ambientes são oferecidas ferramentas que viabilizam diferentes formas de interação. No presencial remoto, as tarefas envolvem apropriação, reflexão e construção de conceitos e aprendizagem, assim como a comunicação e interação entre os estudantes. Independentemente da mediação, ou não, das tecnologias digitais no processo de aprendizagem, cabe acrescentar outro componente nesse processo, a relação com o saber e o aprender.

Sendo assim, o presente trabalho consiste em um relato de experiência desenvolvido no ensino superior, na Disciplina de Tecnologia Educacional do Curso de Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC SC. As reflexões sobre o uso das tecnologias digitais em tempos de pandemia, que emergiram a partir dos relatos de experiência das acadêmicas do curso superior, evidenciam a importância de se pensar acerca das disrupções que estão ocorrendo em todas as dimensões do ser humano. Os resultados de estudo na temática educação e tecnologia, em linhas gerais, indicam que os recursos e possibilidades advindos das tecnologias digitais, podem desencadear a construção da aprendizagem. Para tanto, as atividades pedagógicas realizadas a partir desses recursos precisam ter potencial para que isso ocorra.

Assim, ao pensar em educação e tecnologia, o foco sai da tecnologia em si, para se voltar para aquilo que é realizado com os recursos da tecnologia. Realizado não no sentido apenas da atividade, mas principalmente do que ela desencadeia no sujeito. Daquilo que é significado, problematizado, construído. Nesse sentido, ressignificar a base epistemológica que sustentará a construção de novos espaços de aprendizagem, no contexto da cultura digital, é fundamental para que esses espaços possam atender às demandas da sociedade contemporânea.

## 2. A RELAÇÃO EDUCACIONAL E TECNOLÓGICA

Ao discutir a escola na cultura digital, precisamos refletir no redimensionamento da concepção de educação e do fazer docente, de forma que a inserção digital, no cenário educativo, possa fazer surgir novas maneiras de estruturar o processo educativo, novas configurações para as estratégias de aprendizagem e para o diálogo, mediação docente, baseados em exploração, interação e outras formas sócio interativas para a construção do conhecimento.

A reconstrução da prática requer a sua compreensão e o entrelaçamento de novos referenciais pedagógicos que envolvam os conhecimentos das especificidades das tecnologias digitais, entre outras competências que o paradigma da sociedade atual demanda. Em síntese, o processo de reconstrução do conhecimento e da prática adiciona a concepção de aprender a aprender ao longo da vida, numa rede colaborativa que, por sua vez, é viabilizada pela articulação das diversas redes tecnológicas.

A articulação entre a mediação docente e as ações dos estudantes realizadas por meio dos recursos tecnológicos, pode proporcionar a exploração dinâmica de situações de aprendizagem, baseadas em criação de conjecturas e de testagem de hipóteses, dentre outras, auxiliando o estudante, mediante exploração e reflexão, compreender os conteúdos estudados. Possibilitando ao mesmo, construir os conceitos relacionados a esses conteúdos, de maneira autônoma e ativa. Por meio de diferentes maneiras de representação dos objetos de aprendizagem que por sua vez propiciam a exploração e a representação diferenciada de conteúdos de aprendizagem. Nesse sentido, destacamos que a visão epistemológica a partir da qual interagimos com as tecnologias digitais é fator determinante para aquilo que iremos construir a partir de sua inserção nos contextos em que vivemos, tanto no cotidiano educacional escolar, como nas diversas relações da sociedade com a vida. Alguns termos e expressões que representam as reflexões e estudos desenvolvidos sobre essa temática.

A cultura digital expressa o conjunto de práticas, costumes e formas de interação social as quais são realizadas a partir dos recursos da tecnologia digital, como a internet e as tecnologias de informação e comunicação TICs, que também pode ser entendida como termo cibercultura, palavra constituída por Lévy (1999), para designar a cultura que emerge no contexto que ele chamou de ciberespaço. Esse conceito está relacionado, as novas possibilidades para sua inscrição no mundo, sua socialização, a partir da presença dos dispositivos digitais em nossa sociedade. Essa realidade impõe ruptura nas fronteiras de limites de espaços temporais, permitindo o surgimento de novas formas de se comunicar e de ser no mundo. O que por sua vez propicia formas diferentes de ser e de estar no mundo, possibilitando maiores interações pedagógicas e interpessoais, que por sua vez transformam as práticas educativas, sociais e culturais.

Lemos (2009), se refere ao conceito apontando algumas características dessa cultura: a liberação do pólo da emissão, o princípio de conexão em rede, a reconfiguração sociocultural a partir de novas práticas equitativa e transformadora. Estamos testemunhando esse contexto mudar a forma de ser e de estar dos sujeitos, ou seja, sua atuação são modificadas e com elas as possibilidades de conhecer e viver.

A expressão letramento digital significa a habilidade do sujeito para acessar, interagir, processar, localizar, filtrar e avaliar criticamente informação disponibilizada eletronicamente e ter familiaridade com as normas que regem a comunicação com outras pessoas através dos sistemas computacionais, que permeia os estudos do tema em foco, diz respeito ao uso de tecnologias digitais de modo crítico e consciente, com competência específica, compreendendo seus limites e suas potencialidades no contexto de práticas sociais e educacionais. Isso mobiliza que tal uso precisa ocorrer de tal forma que a prática se torne significativa em seu domínio de ação. Assim, a ideia de letramento digital ultrapassa a materialidade das técnicas materiais e intelectuais, das atitudes, dos modos de pensar e dos valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço. Diz respeito ao modo como tudo isso se articula para permitir a emergência de novas subjetividades e sentidos.

Assim, podemos entender a cultura digital como o modo contemporâneo das comunidades humanas viverem, conviverem se relacionarem, e produzirem conhecimento vinculado a meios de comunicação que se revestem de materialidade digital. Nesse cenário, os sujeitos se constituem não apenas como receptores, mas também como produtores de informação. Pela sua configuração em rede e construção de relacionamentos, se revestem de criação, colaboração e compartilhamento, onde os sujeitos crescem e se organizam a partir de um diálogo mediado pela tecnologia digital.

Lévy (1993) argumenta que a linguagem da computação e seus recursos, podem intervir nos processos de subjetivação individuais e coletivos interferindo na inteligência e criando o que ele chama de ecologia cognitiva. A constituição de tal subjetividade é explicitada por Lévy (1993) quando este destaca as três formas de gestão social do conhecimento ligadas à história das tecnologias da inteligência, que seriam: oralidade, escrita e informática. A partir disso, conclui que a passagem de uma tecnologia à outra se dá por complexificação e deslocamentos dos centros de importância. Por exemplo, a comunicação oral ainda é utilizada quando da informatização ou, anteriormente, dos mecanismos de escrita às tecnologias pretéritas continuam vigendo quando da introdução de outras. Esse processo afeta âmbitos como a memória, o tempo, o trabalho, as relações interpessoais, a forma de pensar, em suma, a ecologia cognitiva e os tipos de subjetivação. Assim, a relação com o saber cognitiva seria o “contexto” no qual a cognição é desenvolvida se a entendermos como um processo (complexo) de conhecer algo. A relação com o saber sendo referenciada como as diversas relações permeado no sistema educativo, sistemas que atuam em parceria, correlação, para mobilização e interações.

Especificamente no caso da computação, esta propiciaria uma nova forma de relação, o conhecimento por simulação. Não melhor, mas diferente. Levy aponta para a emergência de uma nova relação com o saber, potencializada pela lógica das tecnologias digitais e computacionais, considerando que estas potencializam a inteligência coletiva dos grupos humanos. Com o advento das redes sociais e aparelhos digitais móveis isso se acentua, indicando que eles agenciam subjetividades. Nesse contexto podemos nos perguntar sobre como estas relações se estabelecem ou não nas instituições educativas e de formação, que constitui nosso foco de reflexão.

Um dos desafios das instituições educacionais, inseridas em uma sociedade marcada pela crescente utilização de tecnologias digitais é formar educadores e profissionais com condições de integrar o conhecimento conceitual às novas formas de interagir, pensar, comunicar nessa era do conhecimento. Sendo assim a expressão ecologia cognitiva e digital está relacionada às relações que emergem entre os diferentes sistemas que atuam nos processos educativos no contexto da cultura digital e híbrida que estamos vivendo. A instituição formadora de ensino deve utilizar metodologias criativas, fazendo que o estudante se torne protagonista do seu aprendizado, mobilizado sobre o sentido de saber e aprender.

Considerando-se as palavras de Paulo Freire (FREIRE, 1996, p. 5) [...]. Em que ensinar já não pode ser este esforço de transmissão do chamado saber acumulado, que faz uma geração a outra, e aprender não é a pura recepção do objeto ou do conteúdo transferido. Pelo contrário, girando em torno da compreensão do mundo, dos objetos, da criação, da boniteza, da exatidão científica, do senso comum, ensinar e aprender giram também em torno da produção daquela compreensão, tão social quanto a produção da linguagem, que é também conhecimento.

Assim, refletimos acerca da noção da relação com o ensinar e aprender que, ao longo dos anos, foi desenvolvido na concepção de transmissão unilateral do conhecimento. Para tanto, Charlot (2005) sugere-nos que nascer é ingressar em um mundo no qual estar-se-á submetido à obrigação de aprender. Ninguém pode escapar dessa obrigação, pois o sujeito só pode ‘tornar-se’, apropriando-se do mundo que o circunda. Cabe aos sujeitos o diálogo, não apenas a ação passiva de receber informações. Desta forma, para Freire (1996, p. 13), “quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se constrói e se desenvolve na curiosidade epistemológica”.

Na visão de Freire (1996, p. 14), “o ensino não se esgota no tratamento do objeto ou conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível”. Para ele, é necessário convidar os estudantes a participarem de maneira efetiva, promovendo o conhecimento de forma colaborativa e construtiva. Pois, chamo relação com o saber o conjunto de imagens, de expectativas e de juízos que concernem, ao mesmo tempo, ao sentido e à função social do saber e da escola, à disciplina ensinada, à situação de aprendizado e a nós mesmos (CHARLOT, 2000).

Neste tempo de isolamento social, os sujeitos são convidados a se reinventarem na relação com o saber, para um processo com significado que mobilize. As novas tecnologias de divulgação da informação deveriam levar à redefinição dos conteúdos e das formas de transmissão, de avaliação e de organização da escola (CHARLOT, 2013). As tecnologias, sendo as ferramentas que auxiliam os sujeitos da aprendizagem no processo de interpretação e análise, ainda mais em um regime de ensino remoto, através da Internet, são relevantes, além de proporcionarem rapidez e amplitude na comunicação. Por meio de sua tecnologia avançada, a Internet convida-nos a estabelecer uma nova relação com o saber (CHARLOT, 2000).

Sendo assim, Schwartz (2007) e Castels (1999), Schlemmer e Miranda (2018), pontuam que os recursos digitais, não são apenas “suportes” ou “meios” para potencializar as práticas educativas, mas podem constituir processos a serem desenvolvidos. No sentido de possibilitar a emergência de redes de interação e de produção de sentido precursores do processo de conhecer. Sob essa perspectiva podemos caracterizar as tecnologias digitais como tecnologias da inteligência alinhados a Lévy (1992). Na linha dessas reflexões, podemos pensar que as tecnologias digitais e computacionais podem constituir novos cenários para aprender.

Portanto, é relevante refletir sobre a relação com o saber e o aprender na cultura digital para transcender, desenvolver uma postura crítica para entendermos o que está acontecendo, sem termos apenas uma postura encantada, deslumbrada ou de resistência ou negação, quando pensamos nos processos educativos nesse contexto. Esses, com o advento das tecnologias digitais, já apresentam, em muitas situações, mudanças, no suporte de produção, de veiculação das informações e dos diálogos pedagógicos, no papel de educador e estudante, na composição das salas de aula que se modificam para contemplar estudantes interagindo entre si e utilizando diferentes dispositivos móveis para acessar informações e realizar diferentes movimentos na relação com o saber e o aprender.

### **3. A RELAÇÃO COM O SABER E O APRENDER AS TECNOLOGIAS**

A relação com o saber é a relação com o mundo, é o conjunto (organizado) das relações que um sujeito mantém com tudo que estiver relacionado a: ‘o aprender’ e o saber com o outro, e com ele mesmo; é, pois, a relação de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender (CHARLOT, 2000). O professor se reconstrói para recriar suas aulas, e as tecnologias requerem dele a flexibilidade e a capacidade de articulação, pois são tecnologias que possibilitam o encontro, a acolhida do sujeito, este capaz de se transformar e ser transformador de seu espaço, aliado aos diversos meios possíveis para o processo de ensino e aprendizagem. Cabe, então, ao professor apropriar-se de novas formas de ensinar e aprender, oferecendo elementos metodológicos para a compreensão do que se deseja mobilizar, além de engajamento cultural, experiência sensível, reflexão de sentido e formação crítica, que se constituem em conceitos fundantes para o entendimento de uma cultura, a qual possibilite um diálogo com o currículo da instituição de ensino.

Sendo assim, Charlot (2013) refere-se à motivação como algo que difere de mobilização. O autor aborda, que se motiva alguém de fora e mobiliza-se a si mesmo de dentro. Logo, a mobilização encontra-se interligada com o desejo de aprender. É a aquisição de conhecimentos realizada por meio de um elo intermediário entre o ser humano e o ambiente.

Para Vygotsky (2003), o processo de internalização é fundamental para o desenvolvimento do funcionamento psicológico humano, envolve uma atividade externa que deve ser modificada para tornar-se uma atividade interna, é interpessoal e se torna intrapessoal. Sendo que, há dois tipos de elementos mediadores: os instrumentos e os signos, ou seja, representações mentais que substituem os objetos do mundo real. Segundo Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo do estudante se dá por meio da interação social, ou seja, de sua interação com outros indivíduos e com o meio.

Os estudantes acabam desenvolvendo competências no sentido de aprender a construir o conhecimento, a partir de atividades e que sejam realmente significativas para eles (VYGOTSKY, 2003). E ninguém aprende sem desenvolver uma atividade intelectual, uma representação, ou seja, para aprender é preciso estudar. Assim, o estudante engajado, que encontra sentido em estudar, envolvido em uma atividade intelectual, aprende.

As reflexões de Lévy (2004) evidenciam a importância de se pensar acerca “[d]as mudanças [que] estão ocorrendo em toda parte, ao redor de nós, mas também em nosso interior, em nossa forma de representar o mundo”.

Observa-se, nesse momento, a contradição entre os novos horizontes antropológicos e técnicos da Educação, por um lado por outro, as suas formas efetivas. Por trás da tal contradição social, desenvolve-se uma outra, a histórica: “a sociedade globalizada trata o saber como um recurso econômico, mas requer homens globalizados instruídos, responsáveis e criativos. Talvez essa contradição seja um dos motores da História no século que acaba de abrir-se”. (CHARLOT, 2013, p. 60-61).

#### 4. DISCUSSÕES E ANÁLISES

O movimento de encontro com os sujeitos envolvidos na pesquisa para o diálogo e aprendizagem, emergiu através do acesso remoto via tecnologia *meet* que possibilitou realizar reflexões de forma presenciais virtuais para a realização da pesquisa na Disciplina de Tecnologia Educacional do Curso de Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC SC. Para o diálogo, foi realizado uma provocação para ser pensada sobre o uso das tecnologias digitais vivenciada naquele cotidiano em tempos de pandemia. Utilizou-se o ambiente virtual oferecido pelo Google, o uso das TICs em suas vidas, na dimensão ampla de ser em tempos contemporâneos. Os registros no formulário através do Google, permitiu compreender de forma profunda quem eram os participantes da pesquisa, e os seus sentimentos.

As reflexões de Lévy (2004) evidenciam a importância de se pensar acerca “[d]as mudanças [que] estão ocorrendo em toda parte, ao redor de nós, mas também em nosso interior, em nossa forma de representar o mundo”. Essas considerações do teórico também foram objeto de estudo em “A relação com o saber e o aprender e o uso das tecnologias digitais em tempos de pandemia”, utilizadas a partir dos relatos de experiência das acadêmicas do curso de Pedagogia.

No desencadear da aula síncrona, surgiu a necessidade de dar continuidade às reflexões, bem como de fazer o registro das atividades significativas vivenciadas pelas estudantes, por meio do uso das tecnologias digitais, como vídeos, fóruns, registros diversificados, isto é, aqueles que representassem a importância da disciplina em suas vidas. Após as demandas das acadêmicas, emergiu o seguinte questionamento: “Qual a relação com o saber e o aprender e o uso das Tecnologias Digitais em tempos de pandemia, frente às experiências das acadêmicas e professores do Curso de Pedagogia EaD na Disciplina de Tecnologia Educacional?” Diante desse desafio, optou-se por realizar a pesquisa com as acadêmicas do curso.

A problematização, utilizada nos “Balanços de Saber”, consistiu em: “Considere aulas por meios das tecnologias digitais aquelas que utilizam ambientes virtuais ou outras tecnologias de informação e comunicação, tanto de forma síncrona quanto de forma assíncrona, principalmente neste momento de

pandemia da COVID-19”. As respostas deveriam atender às seguintes afirmativas: de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Os relatos expressos, por sua vez, remeteram e mobilizaram para a efetivação das atividades: *Temos muitas vantagens em ter encontros virtuais como por exemplo, ter contato com o professor (a) e dessa forma nos sentimos mais próximos.* (Acadêmica A).

Esse relato salienta o vínculo criado por meio as tecnologias no processo de aprendizagem. Vejamos o que nos relata a Acadêmica B: *Podemos tirar as dúvidas que tivermos e assim discutir sobre o mesmo (sic). “(...) as tecnologias digitais, hoje, nos permitem estarmos em diversos lugares, em uma sala de aula, por exemplo, sem sairmos de casa.* (Acadêmica B).

Tanto A quanto B ressignificam o conhecimento, posto que o sujeito só pode *tornar-se* apropriando-se do mundo. São muitas as maneiras de apropriar-se do mundo, pois existem muitas “coisas para aprender” (CHARLOT, 2000, p. 60). Essa relação de aprendizagem destaca-se em uma perspectiva mais ampla em dois sentidos, de forma que no primeiro ressalta o teórico que: “[...] existem maneiras de aprender que não consistem em apropriar-se de um saber, entendido como conteúdo de pensamento; segundo, ao mesmo tempo em que se procura adquirir esse tipo de saber, mantêm-se, também, outras relações com o mundo” (CHARLOT, 2000, p. 59).

Todavia, também se destacam os desafios presentes, como a falta de acesso à Internet e os sentimentos de medo diante do outro que está no outro lado, de algo desconhecido, como se pode apreender a partir do seguinte relato: *(...) tem muitas pessoas que não têm acesso à Internet e dessa forma não podem estudar....Temos que cuidar com quem falamos e o que enviamos também porque, infelizmente, há muitas pessoas que são maldosas que querem constranger os outros.* (Acadêmica C). *(...).* *Sinto que as aulas são produtivas, consigo sanar minhas dúvidas com facilidade. Uma possibilidade de não parar as aulas em um momento desafiador diante da pandemia. (...) Estudar a distância um verdadeiro desafio para muitos professores e alunos, pois alguns professores não estão qualificados para modalidade de ensino e aprendizagem de forma remota.*

*(Acadêmica D) Um privilégio pelos ambientes virtuais remotos e ferramentas para nossas aulas, pois, mantemos em tempo real contato com os professores (a) e dessa forma nos sentimos mais próximos. Os pontos negativos que relato, por exemplo, tem muitas pessoas que não tem acesso à Internet e dessa forma não podem estudar.*

Retomamos o segundo sentido, mencionado por Charlot (2000, p. 59), cuja premissa é exposta pelo fato de que “qualquer tentativa para definir um puro sujeito de saber obriga, *in fine*, a reintroduzir na discussão outras dimensões do sujeito. Simetricamente, qualquer tentativa para definir ‘o saber’ faz surgir um sujeito que mantém com o mundo uma relação mais ampla do que a relação de saber”. Essas relações são decorrentes de referências das figuras do aprender, as quais são instauradas pela necessidade de aprender frente ao mundo que se apresenta, além das indagações que se apresentam. Segundo Charlot (2000, p. 67) propõe, há “a questão mais radical: aprender será exercer que tipo de atividade? Analisar esse ponto é trabalhar a relação com o saber enquanto relação epistêmica”. Por “sujeito de saber” entendemos, aqui, o sujeito que se dedica (ou pretende dedicar-se) à busca do saber. Para tanto, o “Aprender requer uma atividade intelectual e só se engaja em uma atividade quem lhe confere um sentido” (CHARLOT, 2013, p. 146).

O sentido de estar engajado significa dedicar atenção com prazer e se envolver profundamente no que se propôs na atividade de aprender. As pessoas podem se engajar em muitas atividades: esportes, hobbies, trabalho e estudos. No entanto, quanto melhor as pessoas se sentem em relação ao que estão realizando, mais focadas e desejantes em realizá-la bem.

Nesse sentido, o engajamento mobiliza um papel importante em todas as dimensões da vida, o protagonismo do sujeito através da satisfação com a ação do e no mundo de ser e estar com as diversas relações para romper com os desafios desencadeados e oportunizar a aprendizagem com o novo, o diferente. Nesse momento de crise da saúde pública causada pela COVID 19 nos aponta

novas formas de ensinar e aprender, ou seja, de fazer, ver e criar, para ser e estar nesse contexto, e assim, devemos nos envolver em aprender de forma recorrente.

E as redes sociais são possibilidades importantes nesse tempo de distanciamento social, no engajamento e relação de aproximação entre os sujeitos do sistema educacional, pois, promove e facilita o encontro de muitas pessoas nesse momento vivido, por exemplo: grupos no WhatsApp e perfis para movimentos de direcionamentos, orientações e informações também no Facebook e Instagram além de promover vídeos chamadas, utilizar sistemas de gestão escolar, no qual é possível obter acompanhamento do universo escolar como um todo com diferentes linguagens computacionais, imagens representativas, gráficos, registros das percepções dos professores, famílias e estudantes, disseminar materiais, assim um olhar no cotidiano da Educação no que tange o engajamento através das participações nesses meios de movimentos, são ações que podem ampliar a interação e o ensino aprendizagem entre os sujeitos.

## **5 . CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante a essas reflexões, é fundante diálogos e trocas de experiências entre pesquisadores, estudantes, professores e demais sujeitos em estudos transdisciplinares, sobre as relações entre a Educação e as relações da cultura tecnológica com diferentes dimensões do ser, sejam elas ontológicas, éticas, epistemológicas ou estéticas. Nesse sentido, pensar na amplitude e a complexidade de seu escopo e na necessidade de múltiplas expertises. Oportuniza reflexões por uma Educação emancipatória e transformadora, envolvendo os múltiplos atores sociais.

Assim, para que as atividades sejam significativas, elas devem contemplar o sentido atribuído e a relação com a vida, de modo que estabeleçam relações com as diversas atividades do mundo resignificando o saber e o aprender entrelaçando com o meio digital.

## 6. REFERÊNCIAS

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LEVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1992.

LÉVY, P. **A Inteligência Coletiva: Para uma Antropologia do Ciberespaço**. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2004.

LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SCHLEMMER, E.; MIRANDA, M. **Letramento Digital na perspectiva emancipatória, digital e cidadã no desenvolvimento de práticas educativas gamificadas**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 18, n. 58, p. 645-669, jul./set. 2018.

SCHWARTZ, G. **Educar para a Emancipação Digital**. In: **FUNDAÇÃO VICTOR CIVITA (Org.). Reescrevendo a Educação: Propostas para um Brasil Melhor**. São Paulo: Ática-Scipione, 2007.

VYGOSTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

1 Este artigo é fruto de uma investigação em processo de construção no Doutorado em Educação, onde o estudo de tese está ligado em compreender a relação com o saber e o aprender docente no uso das Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino Superior.

2 Participantes da pesquisa: Docente Jourdan Linder-Silva; Acadêmicas Caroline Rohde de Oliveira, Patricia Magenr Ferraz, Marília de Oliveira, Schairana dos Santos Moreira de Souza, Larissa Gabriele de Paula Taborda, Bruna Duarte Schemes, Carmem Lidia Wolff, Laurene Arsenio de Mello, Gabriela Francisca Studnicka Lopes, Najla Nazario Borges Campos, Regimari Cristina Rodolfi Beppler, Laurene arsenio de Mello, Ana Karla da Silva Manchein.

## MÁRCIA BOELL

Docente no Ensino Superior. Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (DINTER UCS/UNIPLAC). Membro do grupo de pesquisa: Tecnologia e educação: perspectivas para transformação e potencialização dos processos de ensino e de aprendizagem - UCS; Grupo de Pesquisa Formação Cultural, Hermenêutica e Educação da Serra Gaúcha - GPForma Serra - UCS; Grupo de Pesquisa Sistemas, Tecnologias e Educação – EDUTECS/UNIPLAC. Mestra em Computação Aplicada - UNIVALI, Especialista em Movimentos Sociais, Organizações Populares e Democracia Participativa - UFMG e Graduação em Sistemas de Informação - UNIPLAC, cursando Pedagogia EaD - UNIPLAC. E-mail: marcia.boell@gmail.com.

ARLENE APARECIDA DE ARRUDA

Docente no Ensino Superior. Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (DINTER UCS/UNIPLAC). Mestra em Mídia e Conhecimento – UFSC. E-mail: arleneaarruda@gmail.com